

A Falta de Cabo da Faca sem Lâmina

sobre a idéia do nada na linguagem cotidiana, no pensamento e na cultura ocidentais

Luiz Costa Pereira Junior
doutorando FEUSP e
editor da revista Língua Portuguesa

Pode não ser nada, mas o nada é desses assuntos que, mesmo subterrâneos e negligenciados, podem muito bem pegar distraídos não só os espíritos religiosos como alguns pragmáticos, com mais o que fazer. A obsessão da humanidade pelo que simplesmente não existe é tão antiga quanto a certeza de que tudo, em algum momento, tende a desmanchar-se no ar, as matérias, os sentimentos, as modas, os corpos, a vida enfim, o mundo e suas certezas – até, talvez, a certeza de que o nada é obsessão antiga da humanidade.

Uma definição divertida do nada é a do Barão de Itararé (“uma faca sem lâmina que se lhe tiraram o cabo”), mas ela pouco informa afora a curiosidade e a ironia da inexistência. O nada concentra mais do que isso. Vem de *nati*, plural de *natus* (nascido). No latim clássico, o pronome indefinido significaria “segundo a circunstância”, assegura o *Dicionário Houaiss*, o que ecoaria o latim tardio, século X talvez, *res nata* (coisa nascida), usada no sentido de “coisa surgida da discussão”, “o tema em questão”.

É de uma carga metafórica e tanto essa idéia de um nada que é também nascimento, origem de algo que surge espontaneamente. Tal noção tem adeptos. Jean-Paul Sartre, por exemplo, dizia que o nada (*le néant*), aquilo que não é, projeta aquilo que será. É pela falta que me tomo do impulso para preenchê-la. Apenas “ser” (*l'être*) equivaleria a estar preso ao agora, ao estar, se não desejamos o que ainda não há – e só o que não há pode nos fazer criar o que ainda não existe. A falta provoca o ser. O presente não mudará se não se imagina que ele pode ser diferente. A imaginação, a fantasia, o sonho, tudo isso pertence a um campo que não tem existência concreta, é o não-ser. O nada é uma espécie de matriz da ação, do ser. A liberdade de escolha é quase uma condenação. Somos responsáveis por nossas escolhas. Você é aquilo que age. Não há como negar agir.

Sartre ecoa uma apropriação muito particular da idéia do nada-nascimento, por demais antiga. Ela experimentou papel em acalorados debates filosóficos. Estava à flor da pele do mundo escolástico carente de responder se, afinal, Deus criou o mundo do nada ou a partir de algo que já existia.

Tomás de Aquino desenvolveu um singular estudo sobre o tema em oportunidades como o *Livro II da Suma Contra os Gentios*. O capítulo XVI se chama “*Quod Deus Ex Nihilo Produxit Res In Esse*”, em que demonstra que Deus criou as coisas do nada. No artigo 1 da questão 45 da *Suma Teológica* (“criar é fazer alguma coisa do nada?”), a referência ao nada é direta:

“Nada significa nenhum ente. Portanto, como a geração do homem é a partir de um não-ente que é o não-homem, assim também a criação, que é a emanação de todo ser, é a partir do não-ente que é o nada.”

Como indica Jean Lauand, Tomás de Aquino prefigura (*De Ver.* 18, 2, ad 5) um mundo que procederia do nada. A criatura, porque veio do nada, é de per si treva (“*creatura est tenebra in quantum est ex nihilo*”), só virando luz enquanto, “por participação”, se assemelha a Deus (“*in quantum vero est a Deo, similitudinem aliquam eius participat, et sic in eius similitudinem ducit*”).

A matéria teria sido criada não pela modificação de outra ou porque se moveu em relação a outro estado anterior. Simplesmente veio do nada. Haveria uma estrutura dialética aqui, afirma Lauand em *Tomás de Aquino e o logos criador*, a de que a criatura tem sua origem, simultaneamente, em Deus e no nada. Um misto de ser e não-ser estaria em tudo o que há.

“Tomás não se limita a afirmar somente que a realidade da existência de algo é a sua própria luz. Vai além: *creatura est tenebra in quantum est ex nihilo*, ‘a criatura é treva, na medida em que provém do nada’ – esta sentença não está expressa em Heidegger, mas nas *Quaestiones disputatae de veritate* (18, 2 ad 5) de Tomás.”

Todas as coisas criadas do nada por Deus conteriam Seus traços, todas participariam do Ser. O que é criado tem ser por participação em Deus, o Ser. Portanto, a existência não pertence à criatura, seu ser é sempre outro, o Outro. Mas por não ser Ser (ou seja, não ser Deus), mas Dele apenas participar, a criatura pode voltar ao nada. Seríamos predestinados, condicionados, inclinados ao nada. O que foi criado para “ser” está sempre no limite de se desfazer.

Lauand chama a atenção para Heidegger do mesmo modo que Etienne Gilson chama, em *A Existência da filosofia em S. Tomás*, a atenção para Leibniz, Unamuno e Heidegger: desde Tomás, o intrigante que alimenta o debate de todo é o do por quê há algo e não apenas o nada?

Gilson lembra que a idéia da criação a partir do nada, defendida pelo autor de *Summa Theologiae*, tinha uma radicalidade maior que a do pensamento grego – que partia do pressuposto “de que as coisas já está aí”. Para Tomás, a criação não pressuporia matéria prévia, mas uma essência criadora, resume Gilson em *A filosofia na Idade Média* (p. 662):

“Deus criou o céu e a terra, e criou-os do nada: não de si próprio, não é a emanação, não é a fabricação do mundo com uma matéria prima já existente; e sim que Deus põe em existência uma realidade nova, diferente d’Ele, evidentemente está ameaçado pelo nada, isto é, o problema está em que poderia não haver nada. Não é a mudança de uma coisa para outra, não é o problema da *kinesis* grega, mas algo bem mais radical: o real está ameaçado pelo nada, poderia não haver nada. E Deus pôs o mundo em existência.”

Silêncios

Entre o nada e o silêncio, há a distância dos parentes de segundo grau. O silêncio é o momento em que se cala, torna mais manifesto aquilo que se torna palavra. É, para muitos, o princípio da palavra, sem a qual o silêncio não existe. Com isso, seria também uma modalidade da memória, porque para que a gente lembre é preciso antes de tudo parar, para então “rebobinar” cada lembrança. Não por acaso, o termo vem de *sileo-silentium*, estar em repouso, com a tecla de pausa ligada. É também o silêncio matriz criadora, como o nada, pois o vácuo da palavra torna mais

gritante o momento em que algo é dito. O silêncio, o branco da página imaginária, significa.

Nietzsche dizia que o caminho para todas as coisas grandiosas passa pelo silêncio. Octávio Paz dizia que, num poema, as palavras entram pelo ouvido, aparecem ante os olhos, desaparecem na contemplação. A leitura atenta de um bom poema, pensava ele, tende a provocar o silêncio. E a ser provocado por ele, poderíamos dizer. O silêncio – a hora e o modo de calar – denuncia aquilo que se é.

Ora, se até o nada e o silêncio comunicam, se até eles são parte importante do ser, tudo então significa, grita, evidencia algo. Tudo existe em estado de linguagem. Mas se o nada tem sentido determinado e distinto, pode até ser dito, mas não conhecido. O nada é o misterioso; é aquilo que nos é subtraído quando tentamos ter acesso a ele; é o completo desconhecido ou o que, ao fazer parte de nós, ainda assim nos é estranho – o outro que haveria em nós.

Não deixa de ser curioso que a palavra “nada”, que de início tinha carga positiva, tenha invertido sua polaridade. A explicação mais comum vem do fato de que muitas frases latinas negativas a usavam na antiguidade, como em *homines nati non fecerunt* (literalmente, “pessoas nascidas não o fizeram”, o que significava algo que ninguém seria capaz de fazer).

O uso constante e mutante teria dado ao termo o valor pronominal, indefinido (*nulla res*), como em “não tem nada com o caso”, “por nada”. De pronome (“nenhuma coisa”, algo de pouco valor, equivalente ao latim *vanitas*) nos idos de 1188, passou a advérbio (“de modo nenhum”) já no século 13. Isso nos leva ao sentido mais privilegiado da palavra – o de substantivo masculino sinônimo de *nihilum* (“o que não existe”, “ausência de realidade”, “vazio”, “não existência”, “o que precede a existência”). Mais simples para ser usado de boca em boca, terminou por substituir *nihilum*.

Segundo Mário Bruno Sproviero, teria sido Martin Heidegger quem estabeleceu, em *O que é metafísica?* (*Was ist Metaphysik?*, 1943), a primazia inteligível do nada sobre o ente para a existência humana: para os homens, o nada torna possível a manifestação do ser.

"O nada é a ‘possibilitação’ da manifestação do ente enquanto tal para a existência humana" (*Das Nichts ist die Ermöglichung der Offenbarkeit des Seienden als eines solchen für das menschliche Dasein*), escreveu Heidegger.

Já Ángel González Alvarez contrapõe, entre outros, a Heidegger, em *Tratado de Metafísica. Ontologia* (Madrid, Gredos, 1961), lembra Sproviero. Argumenta que a origem da idéia de nada surge de uma negação que supõe uma prévia posição ou afirmação.

“Isto pode ser constatado em muitas línguas: em italiano *niente* (= não ente); em inglês *nothing* (= não coisa). A palavra latina *nihil* (*neque hilum*) expressa a negação de uma coisa insignificante. Alguns supõe que *hilum* seja uma alteração de *filum* (= fio)”, pondera Sproviero.

Se o nada, como teria razão Bérqson, não é imaginável, Sproviero acredita que se pode dizer que é pensável: “por via do conceito, o nada de essência; por via do juízo, o nada de existência; pelos dois, o nada do ente”: somamos algo ao ente quando o exprimimos como um ente. O nada é algo mais que nada quando pronunciado “nada”.

"Una relación del ente desde la nada no es posible. Pero, al mismo tiempo, observamos que el ente se nos revela haciéndose más patente y claro em su oposición a la nada.", diz Alvarez.

Néris de beribitiba

As línguas, elas próprias, apontam a complexidade do termo “nada”. Tentam adaptar-se ao nada, miram no que não é para acertar o que não há. O brasileiro, por exemplo, tem suas modalidades de expressão para aquilo que não existe. Um estudioso da linguagem Julio Nogueira chamava atenção para o fato lá pela metade do século XX, em *Indicações de Linguagem* (1956). Segundo ele, há sinônimos de “nada” tão antigos que se perdem no próprio vazio, como “mangas de colete”, “neca” ou o tortuoso “néris de beribitiba” (ou “neres de pitibiriba”). Há regionalismos, lembra Nogueira, como os rurais “bainha de foice” e “leite de pato” (aquilo que não custa nada, é de graça) e também os de origem clássica, como “patavina” e “bulhufas”.

Neca, do latim *nec*, adotado como gíria, funciona tanto como advérbio (significa “negação”) quanto como pronome indefinido (“coisa nenhuma”), diz o *Novo Dicionário Aurélio*, de 2004. “Neres de biribitiba” é a forma adotada pelo dicionário *Michaelis*, que também anota “neres de pitibiriba”. É o nada ao exagero, o absolutamente nada, diz o *Aurélio*, para quem há a expressão equivalente “neres de neres”. “Neres” é pronome indefinido vindo da gíria. Julio Nogueira usa a forma “néris de beribitiba”.

A expressão “leite de pato” explora a constatação acadiana de que, de pato, não sai leite, daí haver alusão ao que é de graça, porque inexistente, indefinido. De “Mangas de colete”, o *Michaelis* dá a origem popular à expressão sinônima de “coisa nenhuma”, algo que não tem existência prática.

Quando dizemos “não entendi nada”, “não sei bulhufas” ou “não ganho patavina”, na verdade reproduzimos uma estrutura muito comum nas línguas românicas, a que o filólogo sergipano João Ribeiro (1860-1934) chamava de reforço negativo. No latim, usava-se em frases como *rem natam non fecit* (não fiz nada, não dei conta da questão). O francês tem o *nest ce pas* (literalmente “não é não”), o português tem a fórmula “não + verbo + reforço à negação”, como em “não sou nada”.

Atribui-se a “bulhufas” (e seu epicorístico “lhufas”) à matriz “bolhas”, do latim *bullā*, usado para bolas e esferas, especificamente a bola de ar, que é o mesmo que nada, pois tem a ênfase do vazio, do que se desmancha em ar.

Na base, “patavina” nomeava a mulher natural de Pádua (*Patavium*, que virou *Padova* e daí Pádua), na Itália. O termo teria alusão pejorativa: “patavinistas” são aqueles de quem não se entende a língua, a fala patavina. Segundo Nogueira, o latim da época traz “patavinistas”, aqueles de quem não se entende a língua, a fala patavina. Ao historiador Tito Lívio, um dos mais preeminentes nativos de Pádua antes de Galileu Galilei, era atribuída improvável fonte do sentido assumido pelo “patavinismo”. Sendo de Pádua, Lívio aplicaria dialeto que aos romanos parecia o uso impróprio do latim e, dada sua reputação, seu modo de falar teria tido algum peso em seus contemporâneos, para reprovação dos mais puristas.

Nonadas

A explicação, que atribui uma expressão ainda hoje popular a um intelectual dos círculos da elite de seu tempo, soa improvável demais para ter fundamento. Há

quem atribua o sentido dado ao termo aos mercadores e franciscanos de passagem pela cidade italiana, que alcançavam a região hoje chamada Portugal. O fato é que, fruto de evidente preconceito lingüístico, o gentílico chegou transformado aos nossos dias. “Não entender patavina” e, por contágio semântico, “não ganhar patavina” era o mesmo que chafurdar no nada.

“Nonada” é sinônimo de algo insignificante, ninharia, o que se aproxima ou já se tornou um nada, uma realidade para a qual ninguém liga nem percebe. Do latim non + ada, coisa de pouco valor, bagatela, insignificância, ninharia, confirma o Michaelis. Euclides da Cunha, em *À Margem da História*, fala da descoberta de um corpo boiando à margem esquerda de um rio amazônico, como “coisa de nonada e trivialíssima na paragem revolvida pelas gentes que a atravessam e não povoam”. Gregório de Matos fala de nonada para desbançar a pompa da rosa em *Nasce a rosa, nasce a flor*:

“Nessa pompa já perdida,
com que, rosa, te enfeitaste,
vendo o pouco que duraste,
da vida foste um nonada,
nem foste rosa, nem nada,
Se tão depressa acabaste”.

Quando Guimarães Rosa usa “nonada” para romper o silêncio e iniciar o monumental *Grande Sertão: Veredas*, a palavra já tinha estrada na literatura brasileira. Nunca, no entanto, como equivalente a microcosmos para toda uma obra.

“– Não foi nada não, seu doutor – diz Riobaldo Tatarana ao viajante da metrópole que, de passagem, ouviu o que achou ser um tiroteio, e era Riobaldo ajustando pontaria”.

Já foi apontado mais de uma vez que o nonada de Rosa nos remete à tragédia do nonsense, da vida como recomeço infindo, do homem que, por mais que aprenda em inúmeras andanças, experiente e testado pelo mundo, tem consciência do que ignora, de que está no nada, no sem-lugar, no sem-ponto-de-apoio. Como está “nonada”, intui que tudo são incertezas, não há deus ou diabo, bem ou mal, méritos ou defeitos, fato ou invenção, só as pessoas em suas contradições e matizes, em opostos que se encontram muitas vezes em estado de fusão. Viver, talvez, nada mais seja do que isso: nonada, (estar) no nada, cara-a-cara com o nada, que é tudo e coisa nenhuma.

Trajetórias do nada

O nonada roseano recupera a circularidade de um termo que já foi do neutro para o positivo, de origem (sinônimo de “nascido”, questão surgida no meio de uma discussão, por geração espontânea) ao vazio puro (sinônimo de *nihilum*, niilista) para o negativo “eletromagnético” (na dupla ênfase de “não sei nada”, duas partículas negativas não se anulam). Nesse sentido, equivale talvez àquilo que Olavo Bilac dizia da saudade: a presença do que é ausente. É vazio que grita, pulula, brota, mas que não alimenta ilusões sobre o que cria, e se anula no momento em que se enuncia.

Numa digressão contida em *O Rumor da língua* (*Lê bruissement de la langue*, 1984), Roland Barthes diz que a idéia de vazio é em si ambígua – há experiências religiosas que se acomodam sem trauma sobre um centro vazio. Para ele, não deveria o vazio ser associado a uma ausência de corpos, coisas, sentimentos ou palavras. É antes o contrário de “pleno” – o esgotado, a repetição, a recordação do mesmo, do já sabido, o que permanece no espaço até a saturação. O nada colhe os cacos de uma saturação que foi reduzida a pó de big-bang, e incorpora o ainda por existir. Depois de muito saber, do muito ainda a descobrir, talvez a possibilidade de saber nem sequer exista – quanto mais se procura, maior o mistério sobre o que somos e porque existimos como existimos. O nada nos diz que é preciso, se não escapar da ilusão instrumental de buscar um “tudo” inatingível, ao menos tentar esvaziá-lo.

Um nada que é a anti-repetição do mesmo não é necessariamente sinônimo do diferente, mas de um vazio capaz de ser criado a partir de si mesmo. Barthes cita uma teoria física de uma dupla chamada Chew e Mandelstram, a *bootstrap*, de 1961. *Bootstrap* é a presilha da bota que podemos puxar, mas aplicada ao idioma funciona como se fosse um provérbio dito pelo Barão de Munchausen: de que nos levantamos a nós mesmos quando nos puxamos pelas próprias botas. A dupla de físicos, conta Barthes, falava do conjunto de partículas que é capaz de criar a si mesmo (self-consistance). O vazio bartheano é uma “self-consistance do mundo”, aquilo que nos lembra como o mundo é fértil em criar existência a partir do que não existe.

A faca pode cortar o próprio cabo, diria o Barão de Itararé, com um risinho no canto da boca.

Nihil aliud, nada mais.

AQUINO, Tomás de. **Suma Teológica**. Trad. Aimom, M. Roguet et al. São Paulo: Loyola, 2001.I, 45,1,C _____ . **De Veritate**. in: LAUAND, Jean. Cronologia de Verdade e Conhecimento. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

_____. **Suma Contra os Gentios**. Trad. D. Odilão Moura e Ludgero Jaspers. Porto Alegre: Ed. PUC-RS, 1996. 2 v. I, IX, IX, 1 [51].

PIEPER, J. **O Verdadeiro Nome**. Trad: Jean Lauand. Disponível em: <http://www.hottopos.com/notand8/pieper.htm>>. Acesso: 19/06/2005.

_____. *Quaest. Disp. De Veritate*. in: PIEPER, Josef. **Luz Inabarcável – O Elemento Negativo da Filosofia de Tomás de Aquino**. Trad.: Gabriele Greggersen. Disponível em: <http://www.hottopos.com>
BARTHES, Roland. Digressões, em *O Rumor da língua*. Tradução de António Gonçalves. Lisboa, Edições 70, 1987, pp. 67-73.

GILSON, Etienne. **A Filosofia Na Idade Média**. Trad. Ed. Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 1995.

LAUAND, Jean. S. **Tomás de Aquino e o logos criador – Fundamento do conhecimento e do mistério** (*Notas de rascunho da conferência proferida na Igreja de São Domingos, 6-10-2007*). Disponível em <http://www.jeanlauand.com/dominicanos.doc>.
<http://www.hottopos.com/convenit/jp1.htm>.

NOGUEIRA, Julio. *A idéia de nada na linguagem popular*. Em: **Indicações de linguagem**. Coleção Rex, Edição da Organização Simões, Rio de Janeiro, 1956, pp 70-72.

SARTRE, Jean-Paul. O ser e o nada. Lisboa: Círculo dos Leitores, 1993.

SPROVIERO, Mario Bruno. *A Negação dos Transcendentais: O Erro e o Mal*, em *Mirandum*, Ano II, n. 4, suplemento, jan-abr 1998, disponível em: <http://199.236.106.225/mirand4/suplem4/anegao.htm>